



Resenhas

La sexuation du monde: réflexions sur l'émancipation

DOI: 10.12957/ek.2020.46702

Dra. Elizângela Inocência Mattos

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

elizangelamattos@uft.edu.br

Resenha do livro:

Fraisse, Geneviève. *La Sexuation du Monde: Réflexions Sur L'émancipation*. Paris: Presses de Sciences Po, 2016.

Seria possível, diante do presente momento, onde uma forte discussão sobre gênero permeia o debate contemporâneo, furtar-se a ele, combatendo-o com o silêncio daquele que mantém o *status quo* estabelecido, pautado diretamente na construção histórica da superioridade do homem frente a mulher? Autora de várias obras sobre gênero e o papel da mulher, Geneviève Fraisse (1948), apresenta nestas reflexões, uma resposta a indagação proposta. Não! não é possível se furtar ao debate, ao reconhecimento da mulher e da consciência enquanto indivíduo de desejos e vontades, elementos aos que justificam o ímpeto por sua emancipação.

O profícuo debate sobre seu reconhecimento enquanto agente ativo no processo pelo qual se encontra inserida é bastante recente e mesmo, inovador, frente ao armazenamento de concepções preconcebidas pelas quais a existência da mulher pauta-se, subjugada a do homem, e mais ainda, submetida a ele, fomentou o argumento arraigado historicamente de sua superioridade que delega a ele o poder de agir e decidir. A emancipação, a reivindicação do próprio prazer e a efetiva consideração de ser cidadã, perfilam o caminho ao qual a filósofa percorre em *La Sexuation de Monde: Réflexions sur l'émancipation*.

A reunião de textos, cuja temática central é a questão da emancipação feminina, perpassa uma historicidade que, dividido em duas partes, apresenta o percurso

cronológico dessa abordagem na história das ideias. A partir desse eixo, a autora apresenta uma fecunda discussão a despeito do particular e o singular que, atuando em conjunto, fazem convergir, sob sua ótica, na direção ao reconhecimento de um *progresso* sobre a discussão de gênero e o olhar frente a mulher, diante de um processo que delimitou sua existência.

A primeira parte, intitulada ‘para todas’, refere-se a abordagem da condição da mulher, partindo da obra do filósofo setecentista Poulain de la Barre, que escreveu sobre a igualdade dos sexos no início da modernidade. A lógica da igualdade defendida por Poulain de la Barre, considera a questão do espírito não ter sexo e portanto, a procedência da desigualdade estaria pautada no costume, sendo um preconceito a ser combatido com o conhecimento. A discussão adiantada permite admitir que a desigualdade entre homens e mulheres, outrora compreendido como um aspecto inerente a natureza humana, constitui-se como um argumento reproduzido ao longo do tempo, compondo uma verdade refratária a todos. (página 20).

Em seguida trata de Rousseau, e a contradição de igualdade, onde apresenta uma análise do *Contrato Social* por outros textos do pensador genebrino, onde reflete sobre as funções da política e sua implicação ao feminismo presente, a partir dos meios aos quais uma República se edifica, o público e o privado, ocupados por mulheres e homens, vivendo sob a égide da liberdade e da igualdade.

O texto cuja temática é a leitura de Jacques Rancière, exprime a dialética referente a emancipação e a dominação. Reflete a maneira como o filósofo francês partiu do trajeto da emancipação na classe operária e da necessidade em compreender a maneira pela qual se opera a dominação a partir do lugar do sujeito.

Posteriormente, a filósofa discorre sobre suas questões a respeito do campo feminista e o olhar conjunto do mundo frente ao indivíduo feminista. (página 78). Que o feminismo encontra acordos e desacordos em sua perspectiva política, considerando para tanto a historicidade e a temporalidade em sua reflexão, realizada no Congresso Internacional Feminista, ocorrido em Paris em 2010.

Na segunda parte, intitulada ‘para alguma’, a abordagem alcança o papel da representação da mulher a partir do século XIX. A tensão entre emancipação e dominação continua, mas aparece de uma maneira um tanto quanto diluída, a partir do

cunho prático concedido a mulher artista e aquela com papel intelectual. A tensão se apresenta concretizada na prática.

A tradição reconhecida, que fomenta modelos de comportamento e possibilidades de ação, encontra nas singularidades, caminhos aos quais a mulher encontra para enfrentar as dificuldades coletivas. A emancipação se realiza a partir da subversão, em destruir e construir ao mesmo tempo, a partir de estratégias felizes para reclamar, declarar, a reivindicação dos direitos. Dessa maneira, a emancipação constitui resposta efetiva a uma tradição condicionadora e impositiva.

Para tanto, cumpre discutir a representação nesse processo, das *mulheres que falam*, quem seriam elas e, em que medida atuaram efetivamente no processo de subverter uma tradição predominante.

A singularidade coloca luz ante a demanda criativa, legitimando a mulher artista e intelectual. As múltiplas posições de artistas mulheres por volta da virada do século XX, permitiu uma mudança na história da mulher, precisamente quando se representa nas mulheres que falam. Essa mudança concerne efetivamente a afirmação da própria existência, o preço da liberdade, onde o gesto que legitima a si mesma representa a consciência de agir, de transformação da história. Sob esse aspecto, duas mulheres emblemáticas da emancipação feminina são abordadas, filósofas do século XX: Simone de Beauvoir e Simone Weil, fortes pilares para a discussão.

O lugar da artista mulher representa o processo de sua emancipação, bem como da discussão sobre a desigualdade entre os sexos, pois introduz o debate sobre o livre direito a expressão estética, a criação e ao prazer existencial. Demonstra também as disputas que marcam a reformulação do lugar dos sexos na arte. É assim que, quando Fraisse explora a escultura da obra no século XIX, refere-se a alegoria de uma escultura aparentemente enigmática, de uma mulher seminua esculpida, uma artista que mostra o trabalho. O sujeito, uma mulher, representa o objeto, a escultura. A intrigante alegoria, consiste apreender que a mudança nas representações encerra a equação historicamente estabelecida, entre o homem sábio e a mulher musa. Para além de ser o objeto na obra, a mulher doravante, constitui o sujeito no processo criativo.

Noutro ensaio (página 112), a filósofa aborda os quadros de Vuillard, em que discute a evolução das imagens da mulher a partir de seus quadros nos anos 1900, onde é retratada nas atividades domésticas, no tempo da maternidade, no espaço privado e na

vida familiar. Depois de 1900, uma mudança considerável na percepção de seu lugar apareceu na pintura: passou ser retratada em seu interior, em atividades distintas das anteriores: essa mulher lê, aparece com um livro nas mãos, ou mesmo, o livro pousado no colo.

No capítulo dedicado a Simone de Beauvoir, a autora retrata sua originalidade, no sentido de tomar o costume de falar de si antes de generalizar, em admitir que o sofrimento remete a reflexão. Ora, Simone de Beauvoir escreveu *O Segundo Sexo* antes de escrever suas memórias, passando assim do geral para o mais singular. Escreveu a fim de conferir o saber para o prazer, como uma atividade ascética e salvadora, contrariando as antigas representações da escrita das mulheres.

O texto dedicado a Simone de Beauvoir, Simone Weil e Simone Fraise, trata do pensamento de Simone Fraise e sua reflexão sobre o encontro entre as filósofas: Beauvoir e Weil. Com o mesmo prenome, as autoras têm em comum, a análise sobre a emancipação da mulher na era democrática e a compreensão do acesso ao saber, compreendidas como pioneiras e intelectuais que refletem sobre um mundo igualitário.

Na análise do artigo de sua mãe, Geneviève Fraise demonstra o apreço por sua escrita e o delega importante reflexão sobre o aspecto fundamental da escrita intelectual da mulher, que exprime efetivamente o enriquecimento de sua condição e olhar de si mesma no espaço e no tempo pelo qual se insere.

Por último e não menos importante, o livro apresenta uma conversa entre a autora, Geneviève Fraise e Marwa Arsanios, sobre a figura singular de uma combatente de guerra, considerada uma heroína. (página 146). Retomando os pontos iniciais do livro, a conversa permeia a temática do papel da mulher na guerra, a singularidade da experiência e a sua particularidade.

Em conjunto ou lidos separadamente, os ensaios que compõem o livro de Geneviève Fraise, constituem uma oportunidade significativa para apreender o processo de emancipação do mundo que, é também compartilhar palavras que, tal como justifica a autora, *elas falam por si mesmas*.

Referência bibliográfica

Fraisse, Geneviève. *La Sexualisation du Monde: Réflexions Sur L'émancipation*. Paris: Presses de Sciences Po, 2016.

Recebido em: 15/11/2019 | Aprovado em: 19/08/2020

